

# Prostituição de Rua e Turismo:

## A Procura do Prazer na Cidade do Rio de Janeiro<sup>1</sup>

*Miguel Angelo Ribeiro\**

*Nas ruas o presente nos assedia, traz a marca dos itinerários às vezes dispersos, difusos ou mesmo concentrados, definidos pela vida cotidiana. [...] Na rua encontra-se não só a vida mas os fragmentos de vida, é o lugar onde o homem comum aparece ora como vítima, ora como figura intransigente e subversiva. No movimento da rua encontra-se o movimento do mundo moderno.*

(ALESSANDRI CARLOS, 1996:85)

### I - CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O espaço urbano apresenta várias características que interessam ao geógrafo por ser fragmentado, articulado, reflexo e condição social, bem como campo simbólico e arena de lutas (CORRÊA: 1991;1997). Na verdade, este caleidoscópio multidimensional, onde novos arranjos espaciais se formam, é passível de leituras através de diversos ângulos. Assim sendo, pensadores de outras ciências, como WIRTH (1967:103) sublinham que as diferentes partes da cidade adquirem funções especializadas. A cidade, conseqüentemente, tende a parecer um mosaico de mundos sociais nos quais é abrupta a transição de um para o outro.

O espaço urbano é fragmentado porque pode ser assimilado por diferentes usos, ou seja, apresenta um mosaico de áreas com usos diferentes, distintas em termos de forma e conteúdo social. A fragmentação, permanente e complexa, em um processo de construção e destruição, é feita e desfeita. Todavia, este dinamismo não se repete em todos os lugares, seja no tempo, seja no espaço. O que articula o espaço fragmentado em seu aspecto mais visível e fundamental são os diferentes fluxos que se realizam de pessoas e veículos. SANTOS (1988) destaca que a organização espacial se revela, de um lado, a partir de elementos fixos constituídos como resultado do trabalho social, e, de outro, através dos fluxos que garantem as interações entre os fixos. Sendo assim, os lugares da cidade estão articulados de al-

<sup>1</sup> Gostaria de externar meus sinceros agradecimentos ao amigo João Baptista Ferreira de Mello pelo incentivo à elaboração desse artigo, como também na participação da pesquisa de campo em Copacabana; discussões, trocas de idéias e leitura crítica; ao geógrafo Rogério Botelho de Mattos, por ter me apropriado de partes do artigo escrito em sua co-autoria, referente à Prostituição de Rua na Área Central do Rio de Janeiro; ao geógrafo Carlos Alberto Franco da Silva pela minuciosa leitura crítica; ao Professor Roberto Lobato Corrêa pelas valiosas idéias e sugestões na elaboração do mapa referente a Copacabana. A Fátima Vasconcellos pela micrografia. O trabalho foi realizado para apresentação no 1º Encontro Nacional de Turismo com Base Local, organizado pelo Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, no período de 1 a 3 de maio, na cidade de São Paulo. As eventuais imperfeições verificadas e conceitos emitidos são de inteira responsabilidade do autor.

\* Pesquisador Titular - Departamento de Geografia - Rio de Janeiro/IBGE e Doutor em Geografia/UFRJ

guma maneira, estabelecendo-se redes de padrões, intensidades e naturezas distintas de fluxos. Trata-se, então, de um espaço rede, de um mosaico rede. Só que o grau de articulação de cada parte da cidade não é o mesmo. A articulação também é desigual. Os lugares não estão articulados entre si com a mesma intensidade, em decorrência da divisão territorial e social do trabalho que é desigual. O espaço urbano, entretanto, não é apenas fragmentado e articulado. É simultaneamente fragmentado; articulado; reflexo social  $\frac{3}{4}$  a cidade reflete a natureza social, apresenta classes sociais distintas; condição social  $\frac{3}{4}$  existência das funções sociais e de reprodução; campo simbólico  $\frac{3}{4}$  o cotidiano vivido dia a dia e arena de lutas de direito à cidade, tendo em vista os diversos momentos de apreensão do espaço urbano. É no espaço urbano que as lutas se desenvolvem, já que a cidade é, ao mesmo tempo, cenário e objeto das lutas sociais, que têm como dimensão espacial a formação de diversos territórios, até mesmo por grupos marginais a partir de atividades tidas como ilícitas.

Neste contexto, o presente estudo analisa quatro espaços públicos que configuram territórios da prostituição no Rio de Janeiro, espaços afamados até mesmo junto aos turistas de diversas procedências, que procuram esses consagrados "territórios do prazer".

Os Territórios são normalmente demarcados por limites de uma territorialidade, onde um indivíduo ou grupo estabelece relações de domínio ou controle sobre uma área geográfica (SACK, 1986; SOJA, 1993 e RAFFESTIN, 1993). O território também pode ser visto como uma apropriação simbólica, identitária e afetiva do espaço; conceito desenvolvido consistentemente por TUAN (1980) para quem o lugar é muitas vezes utilizado como sinônimo de território através da "topofilia", que significa o "elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico".

Neste estudo os territórios da Prostituição são conceituados a partir da apropriação, durante um

certo período de tempo, de uma rua ou um conjunto de logradouros por um determinado grupo de prostitutas, "michês" (rapazes de programa) e travestis, que, através de uma rede de relações, da adoção de códigos de fala, expressões, gestos e passos, garantem e legitimam essas áreas como territórios para a prática de tal atividade (RIBEIRO e MATTOS, 1996). Por outro lado, a especificidade do espaço condiciona sua apropriação e transformação em territórios fortemente e não fortemente controlados. Sendo assim, os territórios podem ser diferenciados em: fortes, aqueles demarcados e protegidos por/para um grupo, ou seja, o espaço condicionado por uma rigidez de controle; e fracos, com tolerância entre os "competidores", onde a entrada/saída é mais fraca.

No caso específico do espaço urbano carioca, a associação entre território da prostituição e turismo é imediata. Isso porque o turismo, muito embora seja uma atividade formal e responsável pela contribuição de divisas para a riqueza de um país, região, estado e/ou cidade, apresenta em muitas oportunidades diversos turistas que recorrem às atividades de caráter informal, entre elas, a prostituição de rua que organiza verdadeiros territórios em alguns espaços públicos na cidade do Rio de Janeiro, freqüentados, por vezes, por uma clientela de turistas nacionais e internacionais que usufruem de um conjunto de serviços necessários para atraí-los e situados em lugares fixos, tais como restaurantes, bares e hotéis, além de, evidentemente, o espaço público. Neste contexto, o turismo pode ser visto não somente pelo prisma do aproveitamento e deleite dos recursos da natureza (a montanha, o mar, etc), mas igualmente pelo ambiente construído, constituído pelas transformações empreendidas pelo homem no espaço: a conceituada segunda natureza, aquela transformada pelo trabalho social (CORRÊA, 1997:153-6). Neste caso, o turista se apropria daqueles fixos criados pelo homem que, na verdade, não deixam de estar associados aos condicionantes naturais.

Antes de passar à análise empírica, cumpre fazer referência ao conceito de turista utilizado nesse estudo. De maneira mais abrangente, considerou-se turista não somente a pessoa que viaja a lazer para locais que despertam interesse, mas também aqueles indivíduos que viajam a negócios e que, em determinado momento ou por alguns dias, usufruem de um conjunto de serviços necessários para atraí-los. Segundo NAISBITT (1994:119), comparando pessoas que viajam a lazer e as que viajam a negócios, “embora os primeiros constituam a base da indústria do turismo, os segundos são bastante cortejados pelas empresas de aviação, os hotéis, as locadoras de automóveis e os restaurantes, ainda podendo-se acrescentar, em muitas situações, sua vinculação com atividades informais, caso da prostituição, como pode ser observado no Rio de Janeiro”.

## **II - PROSTITUIÇÃO DE RUA E TURISMO: UMA ANÁLISE DOS TERRITÓRIOS SELECIONADOS**

Nas pesquisas empreendidas para o desenvolvimento deste estudo e com base tanto em nível empírico, quanto em fontes informais e bibliográficas, foram selecionados quatro espaços públicos que são marcados pela prostituição, em seus diversos conteúdos e significados. São eles: a Praça Mauá, predominantemente freqüentada pela prostituição feminina, bem como a “Cine-lândia” (Praça Floriano) e o “Castelo” (Avenidas Presidente Antônio Carlos, Almirante Barroso e Graça Aranha e Rua Santa Luzia), com presença da prostituição masculina (“michês”), localizados na Área Central. Além disso, situada na zona sul da cidade, Copacabana, há várias décadas um importante reduto turístico, apresenta diversos segmentos da prostituição (prostitutas, “michês” e “travestis”) que delimitam seus territórios, principalmente em sua orla, localizados nas esquinas e calçadas ou em alguns bares e restaurantes, na Avenida Atlântica e imediações, bem como nos trechos compreendidos entre a Rua Prado Júnior e Avenida Rainha Elizabeth.

Os espaços públicos selecionados na Área Central foram identificados através de pesquisa de campo, efetuada em 1994, visando à elucidação de seus diferentes territórios. À guisa de exemplificação, a pesquisa foi realizada em diferentes dias da semana (tanto os dias quanto as semanas foram escolhidos aleatoriamente) e constava em percorrer de carro, principalmente à noite (maior ocorrência da prostituição), os espaços públicos selecionados, por diversas vezes. Para Copacabana, a pesquisa de campo realizou-se em 1997, seguindo, de modo geral, a mesma metodologia anterior com uma diferença: a Avenida Atlântica e adjacências foram percorridas a pé.

O quadro que identifica os Territórios da Prostituição nos Espaços Públicos selecionados para a cidade do Rio de Janeiro permite elucidar os conteúdos predominantes e os diferentes tipos de prostituição, para os quatro territórios, como também estabelecer suas semelhanças e diferenças.

### **1. TERRITÓRIOS DA PROSTITUIÇÃO NA ÁREA CENTRAL**

A Área Central do Rio de Janeiro individualiza-se no conjunto do espaço urbano, pela concentração de atividades comerciais, de serviços, das gestões pública e privada e pelos terminais de transportes intra-urbanos e inter-regionais. O núcleo central da cidade, também identificado como Distrito Central de Negócios (CBD), em função de sua acessibilidade e da presença de construções imponentes – nas quais se encontram os escritórios da gestão e comando de empresas dos setores público, comercial e financeiro da cidade, de sua hinterlândia e de todo o país –, é o local que detém um enorme afluxo de pessoas durante o dia. Tem como sua artéria principal a Avenida Rio Branco, referencial de modernidade, a partir de 1906, quando da sua inauguração. Nesse núcleo central, suas ruas e avenidas são marcadas pelo seu dinamismo, pelo volume das transações e negócios ligados aos setores comerciais, de serviços e de gestão. Por outro

lado, a sua periferia ou Área de Obsolescência ou Zona Degradada, localizada em seu entorno, tem como limites, grosso modo, a Praça Mauá, Central do Brasil, Rua Riachuelo e o bairro da Lapa. A maior parte de sua paisagem é marcada por terminais de transportes, depósitos diversos, pensões, unidades fabris e lugares de diversão e construções do início do século que servem de moradia para numerosas famílias de baixa renda e homens solteiros.

No núcleo central e na zona periférica do centro, de segunda a sexta-feira – mas persistindo com alguma relevância no sábado –, durante o horário diurno, ocorrem os maiores fluxos de veículos e pessoas que trabalham nas atividades comerciais, de serviços e de gestão, bem como as que consomem esses produtos e serviços, criando ambiente para o desenvolvimento de diversas atividades, entre elas a prostituição. À noite e de madrugada e, principalmente, nos finais de semana e feriados, esses ambientes dinâmicos se transformam e se fragmentam em diversas territorialidades de excluídos pela sociedade, surgindo, assim, diferentes territórios, tais como dos catadores de papel, dos sem-teto, dos menores de rua, dos guardadores de carro (os “flanelinhas”), entre outros, superpostos muitas vezes com o da prostituição, constituindo verdadeiros “territórios do medo”, em decorrência da violência praticada pelos diferentes grupos atuantes nesses territórios, bem como da atuação da polícia, que exerce ora papel repressor, ora de extorsão, no caso dos prostitutos(as).

A Área Central, lugar de coexistência e mudanças no dia-a-dia, é o palco onde se realizam profundas relações de seus variados conteúdos sócio-espaciais e, portanto, propícia ao desenvolvimento de atividades ligadas à prostituição.

Diante desse contexto procurou-se selecionar os territórios nos quais detectou-se a presença de turistas como usuários/clientes, a partir da identificação de RIBEIRO e MAT-

TOS (1996: 64-65) para os territórios da prostituição na Área Central, conforme explicitado no Mapa 1. São eles, com suas respectivas caracterizações:

### **1.1. A ZONA PORTUÁRIA DA PRAÇA MAUÁ**

A Praça Mauá e cercanias são áreas típicas e tradicionais de prostituição exclusivamente feminina no Centro da Cidade, sendo que durante o dia caracteriza-se por ser área de serviços, de comércio eminentemente atacadista, em função da proximidade do Porto do Rio de Janeiro. As imediações da Praça Mauá destinam-se ao uso residencial por pessoas de baixo poder aquisitivo, que, não tendo capital para manter a aparência de suas moradias, deixam-nas se deteriorar fisicamente, estigmatizando a área, com uma imagem de pobreza, vício, prostituição e crimes. Nesse local situam-se vários pontos finais de ônibus intramunicipais e municipais, além da antiga rodoviária da Cidade – Terminal Mariano Procopio, o principal da Cidade até 1962, quando foi concluída a Rodoviária Novo Rio – hoje servindo a alguns municípios da Região Metropolitana carioca.

A territorialidade da prostituição nessa área desenvolveu-se a partir da mudança do Porto do Rio de Janeiro para o local em 1910, atrairdo estabelecimentos do comércio atacadista, grande número de pessoas, além das atividades portuárias cotidianas. A presença constante de marinheiros de diversas nacionalidades e de turistas fez surgir hotéis de alta rotatividade, que servem, também, de hospedagem temporária às prostitutas e aos seus clientes. Esse território está completamente voltado para as atividades desenvolvidas na Praça Mauá e nos seus cabarés, boates e bares. Durante o decorrer do dia observam-se prostitutas circulando pela Praça Mauá a fim de atrair clientes para as casas de shows, bem como para os hotéis de alta rotatividade localizados em suas imediações.

### **1.2. A ÁREA DE LAZER, DE PASSAGEM, ARENA POLÍTICA E CENTRO FINANCEIRO E CULTURAL DA “CINELÂNDIA”.**

A antiga “Broadway” carioca concentra numerosas opções de lazer tais como cinemas, bares e restaurantes, o Teatro Municipal, Museu de Belas Artes, Biblioteca Nacional, Sala Funarte e em seu conjunto muitas agências bancárias oficiais e privadas, além de vários prédios e lojas comerciais, pontos finais de ônibus municipais e a estação do metrô, além de alguns hotéis tradicionais que recebem turistas devido a sua localização privilegiada.

As muitas opções de lazer e serviços e o grande movimento diário de pessoas contribuíram para o surgimento desse território, com a presença da prostituição masculina durante o dia e a noite. Os “michês”, em sua maioria, circulam pela praça a procura de clientes potenciais, dentre os quais encontram-se os levados por amigos, que ocupam os bares e restaurantes existentes na “Cinelândia”.

### **1.3. A ÁREA DE PASSAGEM, DE SERVIÇOS E DE GESTÃO DO “CASTELO”.**

Este território foi, no passado, o “berço” da Cidade, concentrando nas partes baixas do antigo morro do Castelo um grande número de “casas de tolerância” e bordéis exclusivos de prostitutas. Com as reformas urbanas ocorridas na gestão Carlos Sampaio, na década de 1920, como parte das comemorações do Centenário da Independência do Brasil, o material de desmonte da citada elevação serviu de aterro para o futuro Parque Brigadeiro Eduardo Gomes (Aterro do Flamengo) e o bairro da Urca. Nesta área surgiram outras construções que abrigam setores de serviços e de gestão. Posteriormente a essa mudança de conteúdos, uma nova territorialidade de prostituição começou a ser gestada em suas ruas, a masculina, que ocupa partes da Rua Santa Luzia, nas proximidades da sede do Ministério da Educação e Cultura (MEC) e nos fundos da Igreja de Santa Luzia, e ainda as Avenidas Pre-

sidente Antônio Carlos, Nilo Peçanha e adjacências, onde se localiza o Terminal Rodoviário e edifício-garagem Menezes Côrtes. Esse território é temporalmente muito bem marcado: durante o dia, há um predomínio dos setores de serviços e gestão, com grande afluência de pessoas que utilizam, em sua maioria, o terminal rodoviário localizado em suas imediações, além do terminal hidrovial situado na Praça XV de Novembro. À noite, e de madrugada, principalmente a partir das 22 horas e principalmente em véspera de feriados e finais de semana, alguns logradouros dessa área se transformam em territórios da prostituição. Onde antes existia o predomínio de homens de paletós e gravatas, agora existe, no lado esquerdo de algumas vias públicas, os prostitutas “viris”, de feições sérias, que flanam de jeans justos e rasgados para realçar seus corpos atléticos. Trata-se de um território típico de prostituição masculina no Rio de Janeiro, de alta periculosidade, tanto para o “michê”, como para o cliente, conhecido e afamado mundialmente no mundo gay.

A característica principal desse território é o poder que o mesmo apresenta em seu processo diário de contração e expansão. Se durante o dia desaparece em meio às atividades voltadas principalmente ao setor de prestação de serviços, à noite torna-se território dos “michês”. Esse território ocupava até o final dos anos 80 uma porção maior do espaço público, correspondendo à antiga e denominada “Via Ápia” – Rua Santa Luzia, depois da Santa Casa da Misericórdia, imediações do Museu Histórico Nacional e proximidades da Praça XV de Novembro. Praticamente está havendo uma contração desse território e seu desaparecimento confinou os “michês” ao território do “Castelo” propriamente dito. Tal fato explica-se em grande parte pela atuação da polícia civil, que “achaca” não só os “michês”, mas, principalmente, os clientes que o frequentam. A tendência é os rapazes de programa procurarem novos territórios, caso verificado no “Castelo”, onde reproduz-se hoje o que há vinte

anos encontrava-se na antiga “Via Ápia” – a presença de inúmeros clientes motorizados à cata dos “michês” que migraram para este local.

Quanto aos dois territórios de prostituição masculina na Área Central do Rio de Janeiro, observa-se que apresentam diferenciação marcante, pois enquanto o movimento que ocupa a “Cinelândia” ocorre durante o dia e a noite, convivendo com o movimento diário de pessoas de diferentes segmentos sociais, o outro, que incorpora parte das vias públicas do “Castelo”, somente à noite torna-se território dos “michês”. Bastante ermo e de alta periculosidade, representa uma espécie de refúgio ou esconderijo, tanto para os rapazes de programa quanto para os clientes que procuram esse local. Outra diferença bastante significativa das práticas da territorialidade da prostituição masculina nesses dois espaços públicos diz respeito aos contatos realizados entre os clientes e os rapazes de programa, pois enquanto na feérica “Cinelândia”, em meio aos transeuntes, acontecem “face a face”, no outro território acima mencionado, na calada da noite, predomina o cliente motorizado à cata de rapazes de programa.

## 2. TERRITÓRIOS DA PROSTITUIÇÃO EM COPACABANA

O processo de ocupação do bairro de Copacabana inicia-se timidamente a partir de meados do século XIX, como revela CARDOSO (1986), com o incremento das transferências de residências das elites do Centro da cidade para o arrabalde, que tinha como função o papel de balneário terapêutico destinado à construção de casas de veraneio para usufruir de sua amenidade principal: o mar. Somente no final do século XIX e início do XX inicia-se a verdadeira ocupação do bairro, associada aos interesses do capital imobiliário e das empresas de transportes que amenizaram o difícil acesso. Mas é na administração do prefeito Pereira Passos que Copacabana passa por importantes melhoramentos, podendo-se desta-

car a construção da Avenida Atlântica e a abertura do túnel do Leme, no período compreendido entre 1905 e 1906, contribuindo para facilitar o acesso ao bairro. O *boom* imobiliário, entretanto, vai se realizar no período de 1930 a 1950, em decorrência da necessidade imediata de retorno financeiro e em época de alta inflacionária através dos agentes imobiliários, que priorizaram investimentos na zona sul da cidade. A partir de 1930, Copacabana deixou de ser predominantemente residencial, ocupada pelas classes sociais mais ricas, para tornar-se um “subcentro comercial” (DUARTE, 1974) dentro da cidade, com edifícios de vários pavimentos. A utilização do concreto armado, que diminuiu o custo unitário da habitação, viabilizou o desejo de *status* da classe média carioca de morar na zona sul. O processo de verticalização de Copacabana ocorreu no final da década de 1930 através da substituição de casas por edifícios de quatro a cinco pavimentos, passando o gabarito a 8/12 andares na década de 1940. Naquela época, 40% da população de Copacabana moravam em prédios de três andares ou mais (ABREU, 1987:112).

No final da década de 1940, Copacabana já era um subcentro, estimulado pelo crescimento populacional do bairro e da zona sul em geral. Em conseqüência, o comércio e os demais serviços prosperaram, e como comenta ABREU (1987:112), citando GEIGER, no início dos anos 50, seu comércio já havia registrado

*crescimento espetacular, o mesmo acontecendo no setor de serviços; os consumidores obtêm tudo sem necessidade de ir ao centro da cidade [...] É este fato de Copacabana dispor de tudo (exceto repartições públicas) graças ao seu conteúdo social e aos dos bairros vizinhos, de constituir uma clientela exigente, numerosa e concentrada, que a distingue do restante da zona residencial. Por tudo isso, Copacabana é uma cidade dentro da cidade.*

A partir deste período, o bairro transformou-se em importante mercado de trabalho especializado no setor terciário. O desenvolvimento deste mercado atraiu grande quantidade de mão-de-obra desqualificada que, por falta de capital, foi obrigada a ocupar os espaços menos nobres, como as quitinetes e as favelas do bairro. Equivale dizer que a classe que dominava os meios de produção e o setor imobiliário usou o capital para oprimir e confinar em verdadeiros “guetos” verticais segmentos da sociedade, efetivando, assim, a segregação residencial e provocando uma mudança no conteúdo social do bairro. Na verdade, Copacabana ao longo de seus mais de 100 anos transformou-se de bairro de elite em lugar da heterogeneidade social bastante expressiva. À medida que esta situação se acentuava, com a popularização do bairro, ampliava-se em grandes proporções o sucateamento/ fragmentação do espaço residencial. Por outro lado, a função de balneário mundial persistiu, provocando o incremento do turismo e levando ao surgimento de atividades informais como a prostituição de rua.

## **2.1. A ÁREA RESIDENCIAL, DE PASSAGEM E LAZER DA AVENIDA ATLÂNTICA E IMEDIAÇÕES.**

A prostituição de rua no bairro de Copacabana se organiza espacialmente sobretudo na Avenida Atlântica e algumas transversais. O Mapa 2 identifica os diferentes territórios que se apresentam nos referidos logradouros.

Na Avenida Atlântica existe grande concentração de hotéis de luxo, de porte internacional e estabelecimentos comerciais e de serviços, com um predomínio dos restaurantes e bares que atendem à demanda de turistas e moradores do bairro, além de servir de função residencial, com concentração bastante expressiva de população de alto *status* social. Sem dúvida, como nos aponta GUELLI *et al* (1996) para a Avenida Atlântica,

*sua fauna local é basicamente de banhistas, turistas, babás e a terceira idade, que dis-*

*putam o extenso calçadão com mendigos, píquetes, prostitutas e ambulantes, servindo assim, de palco para tantos contrastes sociais.*

Na Avenida Prado Júnior, o uso é bastante heterogêneo, havendo uma conjugação de atividades de comércio e serviços com a residencial. O predomínio de imóveis de tamanho reduzido, principalmente quitinetes, faz com que uma população de estrato de renda mais baixo ocupe suas dependências. O pequeno trecho da Avenida Rainha Elizabeth até a altura da Avenida Nossa Senhora de Copacabana é estritamente residencial, obedecendo, basicamente, ao mesmo padrão de *status* social verificado na Avenida Atlântica. Na verdade, coexistem durante o dia, e principalmente à noite, nesses logradouros, moradores, turistas e pessoas que se dirigem para os diferentes afazeres proporcionados pelo bairro, inclusive a prostituição. Sendo assim, as características singulares de Copacabana, que mescla diferentes usos – o residencial, de comércio e serviços e de atividades de lazer entre outros – imprimem-lhe feições diferentes daquelas verificadas na Área Central. À guisa de ilustração, no imaginário de um turista alemão pesquisado por GUELLI *et al* (1996), Copacabana resume-se num grande “mercado de carne”. Em recente pesquisa de campo pôde-se observar algumas características que diferenciam os três segmentos da prostituição (prostitutas, “michês” e travestis).

### **2.1.1. A PROSTITUIÇÃO FEMININA**

O segmento da prostituição feminina pode ser subdividido em dois tipos, conforme a sua localização. O primeiro, refere-se àquela praticada nos bares, restaurantes e boates da Av. Atlântica e no espaço contínuo a esta artéria em suas transversais, geralmente atendendo a uma clientela de turistas estrangeiros, podendo-se destacar uma concentração em determinados restaurantes. As prostitutas, geralmente de melhor atributo físico e nível social mais elevado, costumam falar diferentes idiomas, sobretudo o inglês, para

manter o contato com o cliente e diferem do segundo tipo, que corresponde àquelas que ficam sentadas sobre os capôs dos automóveis estacionados na orla. Estas se distribuem por diferentes quadras da Avenida Atlântica e também na confluência da Avenida Prado Júnior e Rua Ministro Viveiros de Castro, sendo conhecidas, segundo pesquisa realizada por GHELLI *et al* (1996), como “garotas da pista”. A prostituição feminina em Copacabana extravasa os limites dos bares e calçadas e sua ocorrência também pode ser percebida, durante o dia, na areia da praia, em frente aos hotéis de luxo, caso verificado na altura do Othon Palace, onde a concentração de turistas é muito grande.

O segmento feminino da prostituição identifica-se segundo três tipos de relações: o primeiro é aquele que relaciona diretamente as prostitutas de rua com algumas boates localizadas em ruas transversais, nas proximidades da Avenida Atlântica. O segundo, associa a proximidade dos hotéis e restaurantes com forte presença de prostitutas, e o terceiro estabelece uma forte relação entre as “garotas da pista” e seus contatos com os clientes motorizados. Pode-se observar também todo um circuito de relações que liga policiais, motoristas de táxis, seguranças, “amigos” e ambulantes em torno de alguns princípios de convivência. Entre todos os atores se estabelece uma confiança mútua advinda de uma série de numerosos contatos de rua.

### 2.1.2. A PROSTITUIÇÃO DE TRAVESTIS

Os territórios dos travestis, cuja espacialidade é bem menor que o da prostituição feminina, concentra-se principalmente na esquina da Rua Rodolfo Dantas com Avenida Atlântica, nas proximidades do Copacabana Palace e na confluência das Avenidas Atlântica e Rainha Elizabeth. São conhecidos também como “garotas da pista”, pois se apropriam diariamente, como as prostitutas, da orla da Avenida Atlântica. Entretanto, fazem-no somente à noite, e, principalmente, durante as madrugadas, período de sua mai-

or concentração e se utilizam dos contatos, sobretudo dos clientes motorizados. Na verdade a prostituição de rua na Avenida Atlântica forma um território único, fragmentado e intercalado pelas inúmeras quadras, ocupado aqui e ali por prostitutas e em trechos menores por travestis.

### 2.1.3. A PROSTITUIÇÃO MASCULINA

Quanto aos rapazes de programa (“michês”), seu território é delimitado de forma concentrada na Avenida Atlântica, na areia, em frente ao hotel Copacabana Palace, entre as ruas Rodolfo Dantas e Fernando Mendes, tendo como fatores de localização a presença da “Bolsa”, conhecida mundialmente pelos gays, e de um restaurante. A chamada “Bolsa” é uma alusão à Bolsa de Valores e se refere ao local de encontro de homossexuais masculinos e travestis. No passado era um local de “pegação” (paquera), mas hoje a atividade de prostituição é bem difundida. A clientela é constituída por moradores gays da cidade e por turistas nacionais e estrangeiros. Nos anos 90 esse trecho da praia de Copacabana sofreu certo impacto no seu uso, com a criação do *quiosque gay*. Nessas imediações, durante as manhãs e tardes, há uma concentração de rapazes de programa que se misturam aos clientes que procuram as diversas formas de lazer – a praia, os quiosques e restaurantes. Cumpre mencionar que a prostituição masculina de rua em Copacabana difere daquela encontrada na “Cinelândia” e no “Castelo”. Os rapazes de programa de Copacabana aproveitam a noite para oferecerem seus serviços em boates e saunas. Por isso, não há uma incidência expressiva desse segmento de prostituição, durante esse período do dia, configurando assim, territórios na Avenida Atlântica.

Cabe fazer referência à Galeria Alaska, também conhecida internacionalmente, pois nela e em suas cercanias concentravam-se boates, bares e teatro com programação específica para homossexuais e freqüentada também por rapazes de programa que a utilizavam como “ponto”. Nestes anos 90, a tendência foi desse “terri-

tório” sofrer um processo de extinção em decorrência da intervenção de seus moradores e dos comerciantes locais, imprimindo-lhe certa “ordem” através da mudança dos usos oferecidos pelo seu comércio, como, também, o fechamento da galeria com grades, inibindo seus frequentadores.

Fato que chama a atenção no que tange à distribuição dos diferentes segmentos da prostituição na Avenida Atlântica, e que se observa através do Mapa 2, são as inúmeras possibilidades de “pontos” que se organizam ao longo daquele referido logradouro, explicado pela não escassez de espaço, configurando territórios fortes e fracos, ou seja, o espaço condicionado por uma rigidez de controle ou não.

### **3. AS DIVERSAS FORMAS DE TERRITORIALIDADE: O EXEMPLO DA PROSTITUIÇÃO NA ÁREA CENTRAL E COPACABANA**

A territorialidade é identificada pelas práticas sociais que, por um lado, são definidas por relações de poder, através do controle, e, por outro, pela apropriação simbólica e afetiva de uma área geográfica por indivíduos ou grupos. Assim sendo, o território nada mais é do que a manifestação geográfica dessa territorialidade, através dos seus limites que se dão de modo diferenciado.

No estudo em tela, comparando-se os espaços públicos que configuram territórios da prostituição na Área Central e em Copacabana, pode-se dizer que, no caso das prostitutas, a legitimidade e controle de seus territórios é mais rígida na Praça Mauá, por se tratar de um território já consagrado e de forte concentração de prostitutas em pequeno espaço público. O mesmo pode-se dizer daqueles territórios identificados na Avenida Atlântica e imediações, onde há forte presença de prostitutas (Mapa 2) que defendem seu “ponto” durante um certo período de tempo através da coerção ou até mesmo de atos de violência contra aqueles que tentam invadi-los. A de-

fesa, nestes casos, está pautada nas relações de poder, de domínio ou controle estruturado do espaço, muitas vezes tendo como agentes coercitivos os policiais, motoristas de táxi, seguranças, ambulantes e “amigos”.

Os demais espaços ocupados pela prostituição feminina na Avenida Atlântica e representados pelas denominadas “*garotas da pista*” vão apresentar menor rigidez de controle em decorrência do pequeno contingente de prostitutas e da maior oferta de espaço.

Quanto aos travestis, sua territorialidade é demarcada não só pela adoção de códigos de fala, expressões e gestos, mas também pela violência explícita, proveniente sobretudo de agressões verbais e até mesmo físicas, havendo uma forte presença, desse segmento da prostituição, localizado no final da Avenida Atlântica onde se configura o seu território. Chama a atenção a presença ainda que restrita, de travestis e prostitutas convivendo num mesmo território de menor rigidez de controle.

No caso dos rapazes de programa, a apropriação dos três espaços públicos que configuram seus territórios é de modo geral mais simbólica e afetiva, pois, em parte, não há uma rigidez no seu controle principalmente com aqueles que ocupam a “Cinelândia”. Desde o momento em que determinado indivíduo se apropria de um determinado espaço, a adoção de determinados códigos e atos simbólicos terá que ser utilizada para que ele possa se identificar, estabelecer uma rede de relações e configurar o seu território.

No “Castelo”, em determinadas áreas, o controle através das relações de poder e domínio já se faz sentir por se tratar de um espaço público exclusivo e restrito, à noite e de madrugada, para a prática da prostituição.

Na Avenida Atlântica existem dois “pontos” de forte presença de “michês”, que se configuram como “territórios” de fraca rigidez de controle, onde os mesmos se mesclam à clientela tipicamente homossexual.

### III - REFLEXÕES FINAIS

A cidade, vista como uma forma de organização do espaço pelo homem, é resultante de processos sociais que produzem forma, movimento e conteúdo diferenciados de suas áreas, levando, conseqüentemente, a uma articulação na qual a rua passa a ter uma função importante quanto aos seus diferentes usos (ALESSANDRI CARLOS, 1996: 88-91), guardando múltiplas dimensões, vistas aqui como o território de domínio da prostituição, da passagem e do lazer. Sendo assim, a prostituição de rua se apresenta diferenciada pelas áreas da cidade, influenciada pelas diferentes paisagens e usos, caso verificado quando se compara a Área Central e parte do bairro de Copacabana. Na primeira identificam-se usos eminentemente comerciais e de serviços, na segunda o uso residencial justapõe-se aos demais. Tal fato vai influenciar na apropriação desses territórios pelos turistas, influenciados pelos fixos que os constituem. Se a presença do porto tem conotação importante para a Praça Mauá, na "Cinelândia" são os bares, os cinemas e as passagens para outros locais da Área Central que lhe conferem uma identidade própria. Quanto ao "Castelo", num primeiro momento, a atração para um turista viria por meio de uma difusão "boca a boca" desta área afamada como reduto de prostituição masculina. Por outro lado, Copacabana exerce atração em função de suas amenidades na condição de balneário voltado para o Atlântico, fazendo com que fosse implantada uma gama variada de comércio e serviços que dessem suporte à presença de turistas.

A expansão e contração desses territórios de prostituição vinculam-se, hoje, a diferentes fatores que poderiam ser mencionados. A tradição desses espaços, muitas vezes conhecidos internacionalmente, principalmente na temporada de alta estação, corresponde ao período do "verão" que vai de setembro a março. Nesse período, esses territórios aumentam os seus limites em consequência do maior movimento e procura pelos clientes. A evolução das comunicações fez com

que uma parcela da população tivesse conhecimento e informação dessas áreas através do avanço da tecnologia computacional. Convém mencionar que tanto a prostituição de rua como a "fechada" (saunas e "casas de massagem") já são oferecidas, também, através da *internet*, em *home pages* especializadas na oferta de tais serviços. Diante desse fato, turistas que acessam a rede em busca dos serviços do prazer tomam contato, em seus países, com esses espaços públicos e privados.

A caracterização dos(as) prostitutas(as) chega ao requinte de identificá-los em seus diferentes graus de periculosidade, preço e características físicas. Como exemplo, o território configurado nos espaços públicos do "Castelo" é mencionado como de alta periculosidade, sendo simbolicamente representado por uma série de facas. Além disso, o turismo oficial, especialmente em São Paulo e Rio de Janeiro, conta com a atuação de agências de viagens cuja clientela é constituída por grupos minoritários – como os homossexuais – que buscam tais serviços que também podem ser encontrados em revistas especializadas ou em pequenos guias. Tal fato verifica-se, no caso da prostituição feminina, através de grupos internacionais que vêm participar de um pornoturismo organizado por agências de viagens de seus países, em excursões específicas, em direção às cidades litorâneas do Nordeste.

Enfim, os territórios da prostituição acompanham a dinâmica da cidade na qual estão inseridos e, uma vez estabelecidos, apresentam, caso aumente ou não a procura do "comércio do prazer", um processo de expansão e contração.

### RESUMO

*O presente estudo analisa espaços públicos que configuram territórios da prostituição no Rio de Janeiro, com suas especificidades, singularidades e condicionantes e que, por conseguinte, se constituem em espaços afamados junto aos turistas, de diversas procedências.*

as, que procuram esses consagrados "territórios do prazer".

O turismo, muito embora seja uma atividade formal e responsável na contribuição de divisas para a riqueza de um país, região, estado e/ou cidade, apresenta em muitas oportunidades diversos turistas que recorrem às atividades de caráter informal, dentre as quais a prostituição de rua que organiza verdadeiros territórios em alguns espaços públicos na cidade do Rio de Janeiro.

Nas pesquisas empreendidas para o desenvolvimento deste estudo, foram selecionados quatro espaços públicos que são marcados pela prostituição em seus diversos conteúdos e significados. São eles a Praça Mauá, a "Cinelândia" e o "Castelo", localizados na Área Central, com presença, respectivamente, da prostituição feminina e masculina ("michês"). Além disso, situada na zona sul da cidade, Copacabana, há várias décadas um importante reduto turístico, apresenta diversos segmentos da prostituição (prostitutas, "michês" e travestis) que delimitam seus territórios principalmente em sua orla, na Avenida Atlântica.

Esses territórios acompanham a dinâmica da cidade na qual estão inseridos e, uma vez estabelecidos, apresentam, caso aumente ou não a procura do "comércio do prazer", um processo de expansão e contração.

## **PALAVRAS-CHAVE** \_\_\_\_\_

*Prostituição de Rua - Territórios - Turismo - Rio de Janeiro*

## **ABSTRACT** \_\_\_\_\_

*This study analyses the public spaces that form prostitution areas in Rio de*

*Janeiro, with their peculiarities, individualities and conditioning, which, therefore, constitute the famous spaces, known by tourists coming from various origins, looking for those remarkable "pleasure territories".*

*Although tourism is a formal activity, which contributes to obtain foreign exchange and to the wealth of a country, region, state and/or city, it sometimes brings tourists who look for unconventional activities, among which street prostitution, which forms real territories in some public spaces in the City of Rio de Janeiro.*

*In the researches performed to develop this study, we selected four public spaces which are marked by prostitution, on its various subjects and meanings. They are: Praça Mauá, as well as "Cinelândia" and "Castelo" located downtown, where there is respectively female and male prostitution (called "michês"). Besides that, in the South side of the City, Copacabana, which has been for decades an important touring center, there are various prostitution segments (prostitutes, "michês" and transvestites), who delimit their territories, mainly along the sea border, Avenida Atlantica.*

*Those territories follow the city dynamics in which they are inserted and, once established, they present an increase or decrease according to the demand of the "pleasure trade".*

## **KEYWORDS** \_\_\_\_\_

*Street Prostitution, Territories, Tourism, Rio de Janeiro.*

## BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Maurício de A. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Zahar. 1987. 147p.
- ALESSANDRI CARLOS, Ana Fani. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec. 1996. 150p.
- CARDOSO, Elizabeth Dezouart. *O capital imobiliário e a expansão da malha urbana do Rio de Janeiro: Copacabana e Grajaú*. Rio de Janeiro: Instituto de Geociências/UFRJ, Dissertação de Mestrado. 1986. 182p.
- CORRÊA, Roberto Lobato. *Trajétoérias geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1997. 304p.
- \_\_\_\_\_. *O espaço urbano*. 2ª Edição. São Paulo: Ática. 1993. 94p.
- \_\_\_\_\_. O espaço urbano: notas teórico-metodológicas. In: *Boletim de Geografia Teórica*. Rio Claro, 21(42) : 101-3, 1991.
- DUARTE, Aluzio Capdeville et al. *A área central da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IBGE, CNG. 1967.
- DUARTE, Haídine da Silva Barros. A cidade do Rio de Janeiro: descentralização das atividades terciárias – os centros funcionais. In: *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, 36 (1) : 53-98, jan/mar. 1974.
- GUELLI, Lúvia Maria et al. *Avenida Atlântica*. Comunicação e Cultura. UERJ, (mimeo). 1996.
- NAISBITT, John. Turismo: a globalização da maior indústria mundial. In: *Paradoxo Global*. Rio de Janeiro: Campus. p.115-168. 1994.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática. 1993.
- RIBEIRO, Miguel Angelo Campos; MATTOS, Rogério Botelho de. Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro. In: *Território*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, vol. 1, nº 1:59-76, jul/dez. 1996.
- SACK, Robert David. *Human territoriality – Its theory and history*. Cambridge: Cambridge University Press. 1986.
- SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec. 1988.124p.
- SILVA, Hélio R. S. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ISER. 1993. 176p.
- SOJA, Edward W. *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1993.
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia*. São Paulo: Difel. 1980.
- WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio Guilherme (org). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar. 1973. p. 90-113.

**QUADRO - RIO DE JANEIRO: TERRITÓRIOS DA PROSTITUIÇÃO NOS ESPAÇOS PÚBLICOS SELECIONADOS**

ESPAÇOS PÚBLICOS	CONTEÚDOS PREDOMINANTES					TIPOS DE PROSTITUIÇÃO PREDOMINANTE		
	ATIVIDADES TERCIÁRIAS				Residencial	Feminina	Masculina	Travesti
	Lazer (1)	Hotéis de Alta Rotatividade	Outras Atividades (2)	Terminal de Transportes (3)				
Praça Mauá	*○	Δ	*	Δ	Δ	*○	—	—
Cinelândia	*○	—	*	—	—	—	*○	—
Castelo	*	—	*○	Δ	Δ	—	○	—
Av. Atlântica, e imediações	*○	—	—	—	Δ	*○	*○	○

Fonte: Pesquisa de Campo

NOTAS:

(1) Cinemas, teatros, bares, restaurantes, boates, ambulantes, praças e áreas verdes, praia;

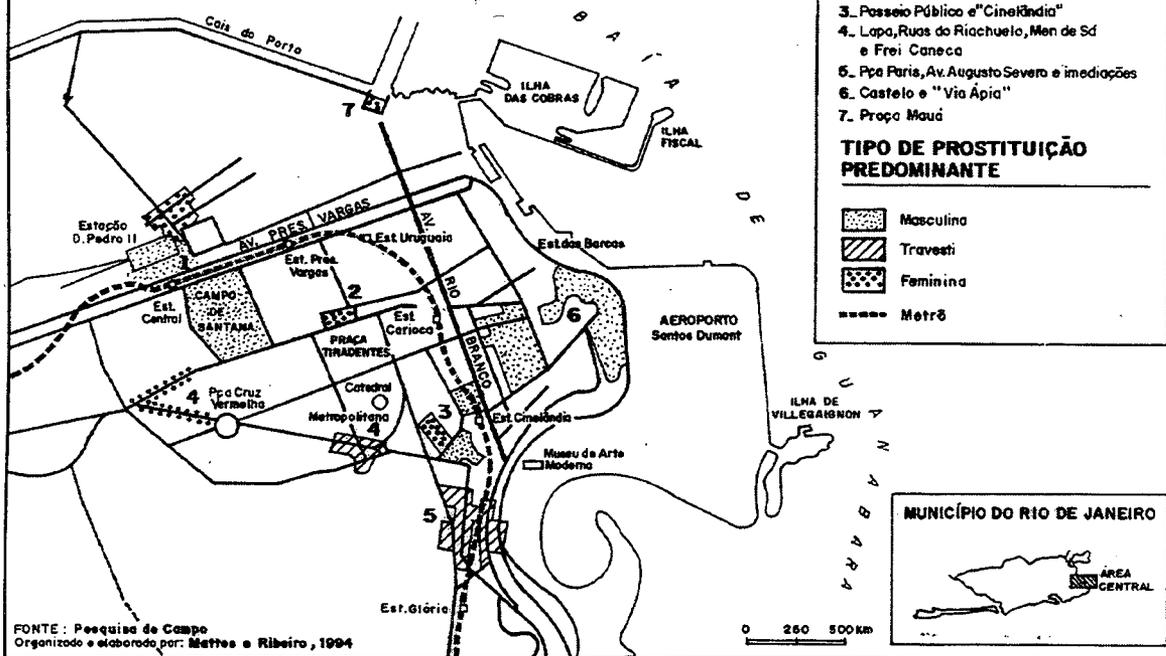
(2) Instituições financeiras, órgãos culturais, de comércio, de serviços públicos e outros (inclusive ambulante);

(3) Terminais rodoviários.

LEGENDA: - \* Dia; ○ Noite; Δ Existência; — Ausência

# ÁREA CENTRAL DO RIO DE JANEIRO

## TERRITÓRIOS DA PROSTITUIÇÃO NOS ESPAÇOS PÚBLICOS



# COPACABANA - AV. ATLÂNTICA E IMEDIAÇÕES

## TERRITÓRIOS DA PROSTITUIÇÃO

